



Sentidos Polissêmicos: uma perspectiva semântico-enunciativa da palavra guerra

Rodrigues de Souza Bortolozzo¹
Lucas Augusto Souza Pinto Alvares²
Taisir Mahmudo Karim³

Resumo:

A palavra guerra acompanha a história por séculos no devir social e político das relações internacionais, significando de modo negativo a conduta humana e dos Estados na defesa de seus interesses e desejos. No entanto, ao ser considerada enunciativamente, a palavra passa a produzir sentidos diversos daqueles habitualmente já conhecidos como puro ato de violência e agressão trazendo à tona a característica polissêmica do termo e o movimento dos sentidos no e pelo acontecimento de linguagem, que toma como fator preponderante para a produção dos sentidos a história como memorável. Para tanto, nos valeremos da teoria da Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2002), que considera os sentidos constituídos sócio-historicamente na relação entre a língua, história e o sujeito que enuncia, como meio para observar os sentidos polissêmicos da palavra guerra funcionando em textos que compreendem a áreas das ciências políticas, sociologia e relações internacionais, e, por outro lado, o *slogan* de um anúncio publicitário.

Palavras-chave:

Guerra. Acontecimento. Sentidos.

1) Doutor pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: rodriguesbortolozzo@hotmail.com.

2) Doutor pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: laspa85@gmail.com.

3) Professor adjunto nível VIII da Universidade do Estado de Mato Grosso. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística/UNEMAT, membro do Centro de Estudos e Pesquisa em Linguagem - CEPTEL. Coordena o projeto de pesquisa Significar Mato Grosso. E-mail: taisir@unemat.br.

Abstract:

The word war follows up history over the years in the social and political development of international relations, with negatively meaning human and State conduct in defense of their interests and desires. However, when the word is enunciatively considered, it starts to produce meanings different from those usually known as pure act of violence and aggression, bringing up the polysemic characteristic of the term and the movement of the senses in and through the language event that it takes as a preponderant factor for the production of the senses the story as memorable. For that, we will use the theory of the Semantics of the Event (GUIMARÃES, 2002) that considers the meanings constituted socio-historically in the relationship between language, history and the subject that enunciates, as a way to observe the polysemic meanings of the word war operating in texts comprising areas of political science, sociology and international relations, and, beside that, the slogan of commercial advertisement.

Keywords:

War. Event. Senses.

1. Iniciando as discussões

Por séculos a fio a guerra esteve presente na vida humana como manifestação de violência e agressividade significando mortes de milhares de pessoas e conquistas nas relações entre Estados soberanos. A guerra enquanto manifestação social pode ser justificada como a reação do homem na busca da defesa de seus interesses, de suas ideologias e da sua própria vida. Ela caminha lado a lado com a história da evolução humana. Os conflitos pela hegemonia de Estado, por ocupação de territórios, e principalmente pela sobrevivência sempre existiram.

O homem, por muito tempo, viveu sob a forma da Lei de Talião⁴, “olho por olho, dente por dente”, a vingança fazia-se presente na vida dos homens punindo o mal com o mal, a morte com a morte. Nas palavras de John Keegan (2006):

A guerra é quase tão antiga quanto o próprio homem e atinge os lugares mais secretos do coração humano, lugares em que o ego dissolve os propósitos racionais, onde reina o orgulho, onde a emoção é suprema, onde o instinto é rei. (KEEGAN, 2006, p. 18).

As guerras impuseram, ao longo da história, vitórias e derrotas significando avanços para uma revolução tecnológica, bem como o sem limite caminho para as atrocidades humanas. Esses conflitos quase sempre resultaram em transformações cataclísmicas que, de tempos em tempos, levou a um reordenamento das relações entre os povos, as formas do comércio e os direitos do próprio homem. Essas condições postas nos fazem acreditar que a paz entre os po-

vos não é perpétua e sim, apenas um período sem guerras (WIGHT, 2002).

Interessante notar que as guerras estão marcadas na história pelos nomes que as significam nos diversos períodos que organizam a trama histórica do homem no globo, como por exemplo, Guerra do Peloponeso, Guerras Púnicas, Guerra dos Trinta Anos, e mais recentes, como a Primeira Guerra Mundial, Segunda Guerra Mundial, Guerra do Vietnã, Guerra Fria, Guerra do Golfo, entre outros. Pode-se observar que a guerra se fez presente na configuração dos espaços geográficos, políticos e econômicos do mundo nas relações entre civilizações e Estados modernos.

Dito isso, o objetivo neste texto é o de considerar a produção dos sentidos da palavra guerra no presente do acontecimento enunciativo em textos nos quais a palavra funciona. Para tanto, valer-nos-emos da teoria da Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2002/2018) que considera os sentidos constituídos sócio-historicamente na relação entre a língua, história e o sujeito que enuncia. Para tanto, ao assumirmos este lugar teórico, a apresentação de alguns aspectos acerca dos dispositivos de análise é necessária. Em primeiro lugar, uma breve definição daquilo que Guimarães (idem) considera como acontecimento dá-se de pronto com grande importância. O acontecimento é caracterizado como algo que se constitui enquanto uma diferença em sua própria ordem. Ou seja, o acontecimento não se produz como se fosse um fato dado no tempo, ele temporaliza e exatamente por isso que se constitui enquanto diferença em sua própria ordem. Ainda, ao temporalizar, o acontecimento instala uma temporalidade própria, e, essa temporalidade não se res-

4) Esta Lei significa o princípio de igualdade entre o crime e a punição. “Se alguém furar o olho de um homem livre, nós lhe furaremos um olho; se alguém arrancar um dente de um homem livre, nós lhe arrancaremos um dente” (Duarte, Melina. A lei de talião e o princípio de igualdade entre crime e punição na *Filosofia* do direito de Hegel).

tringe a um esquema no qual toma o presente como forma axial do tempo e promove sempre uma estabilidade crônica de Passado – Presente – Futuro, isto é, a temporalidade⁵ institui um presente do acontecimento que recorta um passado como memorável e abre uma futuridade.

Dito isso, serão tomados como um dos modos de descrição e observação dos sentidos um dispositivo definido como DSD (Domínio Semântico de Determinação), que possibilita representar, no enunciado, o sentido das palavras. Nessa direção, a determinação não é algo que funciona na relação entre “determinante e determinado”, mas sim, por uma relação de predicação, uma relação construída enunciativamente. Nesse sentido, “[...] a determinação é a relação fundamental para o sentido das expressões linguísticas” (GUIMARÃES, 2007, p. 79). Ainda, no sentido da definição de DSD o autor diz que:

Deste modo, então, dizer qual é o sentido de uma palavra é poder estabelecer seu DSD. E isto só pode ser feito a partir do funcionamento da palavra nos textos em que aparece. Outra coisa importante, um DSD é construído pela análise das relações de uma palavra com as outras que a determinam em textos em que funciona. Deste modo podemos dizer o que significa uma palavra num certo texto, num conjunto de textos relacionados por algum critério que os reúna [...]. (GUIMARÃES, 2007, p. 80).

Assim, o DSD possibilita observar o que uma palavra significa em seu funcionamento

e em sua relação com outras palavras que a determinam num texto. É este um procedimento que visa verificar relações determinativas e predicativas.

Há ainda que se considerar outro aspecto decisivo que será utilizado neste trabalho que se faz a partir de reformulações parafrásticas. Este é um modo de descrição do sentido do enunciado a partir de um procedimento de reelaboração do enunciado que permite observar o funcionamento de uma palavra e/ou expressão e a construção dos sentidos no acontecimento. É um jogo que visa considerar a dinâmica das relações dos elementos no acontecimento enunciativo a partir da reelaboração e descrição dos sentidos.

Por último, devemos tratar dos modos de relação⁶ que se dão no interior dos enunciados analisados. Estes modos de relação podem ser por articulação que se constitui enquanto um “[...] modo de relação enunciativa que dá sentido às contiguidades linguísticas [...]” (GUIMARÃES, 2018, p. 80), ou seja, um modo de relação que tem seu funcionamento na organização dos enunciados. Estas relações se dão em três modos diferentes: dependência, coordenação e incidência. O outro modo de relação que pode se dar é o de reescrituração. Este é um modo de relação que funciona numa direção pela qual uma palavra ou uma expressão rediz algo que já foi dito na e pela enunciação. É um redizer pelo qual “O elemento que reescritura atribui (predica) sentido ao reescriturado” (Idem, p. 85), e, uma característica decisiva é que estas relações não são segmentais ou por contiguidade

5) Para Guimarães (2002), “A temporalidade do acontecimento constitui o seu presente e um depois que abre o lugar dos sentidos, e um passado que não é lembrança ou recordação pessoal de fatos anteriores” (Idem, p. 17). Ou seja, com isso o autor explica que, diferente de outros pensadores, não é o sujeito que temporaliza e instala o presente ao dizer “Eu”, mas, o próprio acontecimento. Desse modo, o passado não é uma lembrança e sim, uma rememoração de enunciações, enunciados passados inscritos na história. Por outro lado, a futuridade é o lugar do interpretável, o lugar da possibilidade de novos enunciados, novos acontecimentos.

6) Quanto a estes modos de relação por articulação e reescrituração ver mais em Guimarães (2018).

como ocorre nos modos de relação por articulação.

Por outro lado, serão reiterados dois tipos de texto como recortes nos quais verificaremos o funcionamento polissêmico da palavra guerra e o movimento do relevo de sentidos que a palavra apresenta ao se dar no presente do acontecimento. Contudo, tomaremos dois tipos de materiais distintos entre si, não enquanto unidade de análise, e sim, enquanto objetivo de produção, como corpus para nossa investigação.

Serão usados como recortes para um primeiro momento das análises sobre a determinação do termo guerra textos procedentes da ciência política, sociologia e das relações internacionais como modo de compreendermos melhor o termo em questão na relação entre Estados num sistema internacional. Em um segundo momento, tomaremos como recorte para análises o *slogan* de uma empresa nacional de suplementos rodoviários que tem como nome de sua marca registrada o termo guerra.

2. Observando os enunciados

Vejamos então um primeiro recorte onde apresentaremos os dizeres de Aron (2002):

R1

“[...] a guerra é uma expressão da agressividade humana, mas não é necessária, embora tenha ocorrido constantemente desde que as sociedades se organizaram e se armaram” (p. 22);

“A guerra é um jogo” (p. 71);

“[...] a guerra é um ato político” (*idem*).

O que se observa nestes três enunciados nos quais a palavra guerra funciona é

que ela se apresenta predicada por algo que a determina semanticamente como alguma coisa. No primeiro enunciado é possível verificar que a guerra é determinada por ser uma expressão da agressividade humana. Ou seja, nessa direção a guerra é a agressividade do ser humano que ocorre de modo constante a partir do momento que as sociedades se organizaram e armaram. Ao tomarmos o segundo enunciado, observa-se que a guerra é um jogo e, nessa direção, é um jogo que se coloca em relação pelo procedimento de reescrituração com ato político no terceiro enunciado, verifica-se, então, que a guerra é um jogo que é um ato político. Se construirmos um DSD de **R1** temos que:

DSD 1

Expressão da agressividade humana
⊥
Guerra
⊥
Jogo ⊥ ato político

Onde se lê: guerra é determinado por expressão da agressividade humana e também determinado por jogo que é determinado por ato político.

Ao se considerar a descrição metodológica do DSD1 é possível observar que os sentidos do termo guerra são constituídos como um ato político que expressa a agressividade do ser humano. Nessa direção, a guerra é um ato político de agressão. Isso pode ser verificado ao tomarmos as seguintes paráfrases:

(1) A guerra é um jogo, mas não é necessário, embora este jogo tenha ocorrido constantemente desde que as sociedades se organizaram e se armaram;

E:

(1') A guerra é um ato político, mas não é necessário, embora este ato político tenha ocorrido constantemente desde que as sociedades se organizaram e se armaram.

Embora tomemos estas paráfrases para apresentar que os sentidos do termo guerra são determinados por jogo e pela expressão ato político, por outro lado, uma terceira paráfrase é suficiente para apresentar o sentido de guerra determinado como expressão da agressividade humana:

(1^o) A guerra é um jogo e um ato político e, também, é a expressão da agressividade humana.

Observa-se por este jogo de paráfrases que os sentidos de guerra são constituídos nesta relação de determinação semântica que ocorre pelas relações que articulam guerra aos elementos predadores em **R1**.

Passando agora para o segundo recorte selecionado temos nos dizeres de Bull (2002) que:

R2

“A guerra é a violência organizada promovida pelas unidades políticas entre si. A violência só é guerra quando exercida em nome de uma unidade política” (p. 211).

Considerando o enunciado que compõe **R2** é possível verificar que há uma diferença com a determinação semântica do termo como observado em **R1**. Enquanto que no primeiro recorte a palavra guerra é determinada por ser um ato político que expressa a agressividade humana, em **R2** vê-se que guerra é determinada sinonimicamente por violência organizada por unidades políticas, ou seja, por Estados soberanos. Nessa direção, o DSD neste caso se constitui da seguinte maneira:

DSD 2

Guerra — *Violência organizada*

Onde se lê: guerra está em uma relação sinonímica com violência organizada.

Esta relação sinonímica apresentada entre guerra e violência organizada é possível de ser verificada ao tomarmos como elemento descritor do sentido o jogo parafrástico:

(2) A guerra é a violência organizada e é promovida pelas unidades políticas entre si;

(2^o) a violência organizada e promovida pelas unidades políticas entre si é a guerra.

Por outro lado, verifica-se a impossibilidade de violência ser guerra fora de uma promoção entre unidades políticas entre si. Há, neste caso, a sustentação do argumento na direção conclusiva de que a violência não é guerra quando não praticada no interior de uma relação entre unidades políticas. O articulador argumentativo que sustenta a direção conclusiva se dá pelo funcionamento do elemento quando em à violência só é guerra **quando** exercida... excluindo qualquer outra possibilidade de enunciados do tipo: a guerra **pode ser** violência quando exercida em nome de uma unidade política. O que ocorre neste caso é que o elemento articulador quando em à violência só é guerra quando..., condiciona a violência a um certo tipo específico, guerra, quando, e somente quando, exercida em nome de uma unidade política. Quando não exercida em nome de uma unidade política à violência não é guerra podendo ser uma ação ou comportamento de qualquer outro tipo. Ou seja, a guerra é sempre a violência, mas, a violência não é sempre guerra. Ao observarmos a paráfrase seguinte poderemos considerar melhor o que estamos dizendo:

(2^o) A guerra é a violência organizada promovida por unidades políticas entre si. (Mas) a violência só é guerra quando exercida em nome de uma unidade política.

Nessa direção, o argumento direciona os sentidos do termo guerra à uma conclusão de que a guerra enquanto violência

organizada só se dá quando promovida por unidades políticas entre si, ou seja, a guerra enquanto violência só ocorre quando organizada por Estados soberanos entre si. Por outro lado, argumenta na direção de uma condição à violência em relação à guerra. Isso pode ser verificado ao fazermos as seguintes paráfrases:

(2^{'''}) A violência só é guerra quando exercida por Estados soberanos entre si;

Ou:

(2^{''''}) Quando exercida por Estados soberanos entre si, a guerra é violência.

Verifiquemos agora um terceiro recorte selecionado como modo de observar a determinação dos sentidos do termo guerra. Tal definição parte daquele que é considerado, por muitos, um dos maiores pensadores e teóricos da guerra do período moderno, Carl Von Clausewitz (2003) que diz:

R3

“A guerra é, pois, um ato de violência destinado a forçar o adversário a submeter-se à nossa vontade” (Idem, p. 7);

E:

“Ora, a guerra não é a ação de uma força viva sobre uma massa inerte, mas, como a não resistência absoluta seria à negação da guerra, ela é sempre a colisão de duas forças vivas (...)” (Idem, p. 11). (Grifo nosso).

Pois bem, estes dois enunciados que compõem **R3** nos apresentam alguns movimentos interessantes no relevo de sentidos do termo guerra. Em um primeiro momento temos no primeiro enunciado do recorte que a guerra é um ato de violência e que este ato de violência tem um objetivo que é o de forçar o adversário a se submeter à nossa vontade. Como observado em **R2**, a

guerra é predicada pelo uso da violência, enquanto em **R2** a guerra é violência exercida somente nas relações entre unidades políticas entre si, em **R3** a guerra é um ato de violência, uma ação que tem um objetivo específico independente de se dar entre unidades políticas ou não. Nessa direção a guerra não se constitui apenas como um ato de violência, mas, um ato de violência justificado por um objetivo específico, ou seja, forçar o adversário a submeter-se à nossa vontade é argumento para a guerra como um ato de violência. O fato de submeter o adversário à nossa vontade sustenta o sentido de guerra na direção de um ato de violência.

Já no segundo enunciado de **R3** nota-se que Clausewitz (idem) inicia dizendo o que a guerra não é para, em seguida, apresentar que a guerra é a colisão de duas forças vivas. Isso se apresenta no texto do enunciado pelo procedimento de reescrituração por anáfora onde o termo guerra é retomado pelo pronome ela em: “ela é sempre a colisão de duas forças vivas”. Nesse sentido, a guerra é sempre uma colisão das ações de duas forças vivas e nunca a ação de uma única força viva sobre uma massa inerte. Nesse caso, entende-se que a guerra só se dá entre dois ou mais elementos que exercem um ato de violência, um que ataca e outro que resiste. Como o autor apresenta, sem resistência de um lado a guerra é negada. No caso, então, de **R3** o termo guerra é determinado do seguinte modo:

DSD 3

Ato de violência | Guerra — colisão de duas forças vivas

Não resistência absoluta

Onde se lê: guerra é determinada por ato de violência e está em relação sinonímica com colisão de duas forças vivas e em relação antonímica com não resistência absoluta.

Assim, tem-se que o sentido de guerra é determinado como um ato de violência que tem um objetivo específico que é o de submeter o adversário às nossas vontades. Por outro lado, a colisão entre duas forças vivas é um ato de violência, ou seja, a colisão entre duas forças vivas é guerra. Podemos verificar estas relações nas seguintes paráfrases:

(3) Um ato de violência destinado a forçar o adversário a se submeter à nossa vontade é, pois, a guerra;

E:

(3¹) Ora, a guerra não é a ação de uma força viva sobre uma massa inerte, mas, como a não resistência absoluta seria a negação da guerra, a guerra é sempre a colisão de duas forças vivas;

Ou:

(3²) A colisão entre duas forças vivas é sempre a guerra;

(3³) A colisão entre duas forças vivas é sempre um ato de violência;

(3⁴) A não resistência absoluta é a negação da guerra.

As paráfrases apresentadas são suficientes para se verificar que o sentido de guerra é sustentado pelo argumento de que ela (a guerra) é sempre um ato de violência na colisão de duas forças vivas, e que, nunca será a ação única de uma força viva sobre uma massa inerte, ou seja, sobre uma força sem resistência. Nesse sentido, a guerra será sempre um ato de violência bilateral e nunca unilateral.

O que se pode verificar nos três recortes apresentados e seus respectivos DSDs e paráfrases que elaboramos como modo de descrição dos sentidos, é que o termo guer-

ra quando abordado a partir do lugar social de dizer da ciência política, da sociologia ou da história/filosofia, é determinado semanticamente por um sentido de violência ou ato de violência que se dá na relação entre unidades políticas e/ou duas forças vivas. Ou seja, podemos determinar, então, que o sentido de guerra se construa a partir de sua determinação como sendo a expressão da agressividade humana por um ato de violência sempre nas relações entre dois ou mais Estados soberanos, dois ou mais países.

Vejamos, no entanto, outro aspecto teórico decisivo para a consideração dos sentidos nos enunciados apresentados nos recortes **R1**, **R2** e **R3**, que é a configuração da cena enunciativa. Ao procedermos com a descrição da configuração da cena enunciativa nos recortes estaremos, assim, apresentando as divisões dos lugares de dizer que se caracterizam como uma divisão política daqueles que dizem e daqueles para quem se diz. De acordo com Guimarães (2018), a cena enunciativa é “[...] produzida pelo agenciamento político da enunciação. Em outras palavras, o falante é agenciado politicamente e assim constitui a cena enunciativa [...]”. Ou seja, o falante é agenciado em figuras enunciativas pelo acontecimento de enunciação.

Ao se observar **R1** verifica-se que há um Locutor (L) que diz para um Locutário (LT) numa relação de locução posta em funcionamento por um eu responsável pelo dizer e que diz a um tu seu correlato direto. Desse modo, o Locutor que diz a um Locutário é predicado por um lugar social de dizer sendo agenciado enquanto um alocutor-x. em **R1** temos um alocutor-sociólogo que diz do lugar das ciências humanas e sociais e que apresenta os dizeres de um Enunciador que diz de um lugar fora da história. Este enunciador que tem seus dizeres apresentados por um alocutor-sociólogo constitui-se na configuração da cena enunciativa como um Enunciador universal, ou seja, um Enuncia-

dor cujos dizeres têm valor de verdade universal por dizer do lugar da ciência. É possível notar que certas marcas colocam este alocutor-x no lugar social de dizer de sociólogo. O alocutor-sociólogo ao definir a guerra como uma expressão da agressividade humana apresenta certas marcas do comportamento humano em um espaço de ações específico, no espaço das relações políticas.

Há, neste caso, ainda, uma relação de articulação por incidência em que ao se dizer, mas não é necessária, este enunciado sustenta um comentário ao que é dito pelo Eun. Ou seja, desse modo, mas não é necessária é uma avaliação sobre aquilo que é dito e se constitui como uma alusão do Enunciador universal aos dizeres do alocutor-sociólogo. E, nesse sentido, “O elemento que incide, ao se articular no enunciado, apresenta uma enunciação que comenta a si mesma, ou seja, uma enunciação que fala da enunciação do enunciado que se enuncia” (GUIMARÃES, 2018, p. 83). Desse modo, o alocutor-x apresenta os dizeres do Eun como quem diz que “a guerra é a expressão da agressividade humana” e, “embora tenha ocorrido constantemente desde que as sociedades se organizaram e se armaram”, no entanto, o Eun alude os dizeres do al-x ao dizer, “mas ela não é necessária”. Assim, o Eun argumenta que a guerra expressa a agressividade humana e que ela tenha ocorrido constantemente desde que as sociedades se organizaram e se armaram, por outro lado, o al-x afirma que mesmo que seja a expressão da agressividade do ser humano e mesmo que tenha ocorrido desde que as sociedades se organizaram e se armaram, ela, a guerra, não é necessária.

De tal modo, observa-se o conflito instalado no centro do dizer pelo agenciamento enunciativo dos lugares de dizer e dos lugares sociais de dizer pelos quais a guerra significa, por um lado a expressão da agres-

sividade humana é uma constante nas sociedades desde que estas se organizaram e se armaram, por outro lado, a guerra significa como não sendo necessária ao ser humano e às sociedades. Podemos pensar, então, numa paráfrase do tipo:

(x') a guerra é a expressão da agressividade humana, mesmo não sendo necessária, a guerra tem ocorrido constantemente desde que as sociedades se organizaram e se armaram.

Entretanto, verifica-se que o que determina semanticamente guerra em **R1** é o fato de ela ser a expressão da agressividade humana, por um lado, e por outro, o alocutor-sociólogo ao avaliar, comentar o enunciado anterior determina a guerra como não necessária ao assumir um lugar social de dizer aludido pelo Enunciador-universal o que não muda o relevo de sentidos de guerra como a expressão da agressividade humana. Vejamos as seguintes paráfrases:

(x'') (Mesmo) não sendo necessária, a guerra é a expressão da agressividade humana;

(x''') (Mesmo) sendo a expressão da agressividade humana, a guerra não é necessária;

(x''''') A guerra é a expressão da agressividade humana, mas ela, a guerra, não é necessária.

Observa-se que a não necessidade da guerra não exclui o fato de guerra ser a expressão da agressividade humana. No entanto, guerra só é expressão da agressividade humana determinada, ainda, por ser um jogo e um ato político e está em uma relação de articulação por coordenação com o fato de a guerra ter ocorrido desde que as sociedades se organizaram e se armaram. Ou seja, o enunciado embora tenha ocorrido desde que as sociedades se organizaram e se armaram argumenta na direção de que a guerra é a expressão da agressividade hu-

mana, é um jogo e um ato político das sociedades organizadas e armadas, e, por isso, guerra não significa qualquer expressão de agressividade humana. Uma pessoa que apresenta comportamento agressivo na rua, em casa ou em um estabelecimento qualquer, não é um ser humano que expressa a guerra por seu comportamento.

Ao observamos **R2** verifica-se que há também um Locutor (L) que diz a um Locutário (LT) que se estabelece nessa relação como um correlato direto de L. No entanto, o Locutor é agenciado no acontecimento em um lugar social de dizer que é o de alocutor-cientista político. Já o alocutor-cientista político apresenta os dizeres de um Enunciador Universal que diz do lugar da ciência, das ciências políticas e humanas. No entanto, vejam que ao enunciar que “A guerra é a violência organizada promovida pelas unidades políticas entre si”, esta é uma definição válida a todos a partir da ciência que diz isso. Por outro lado, encontramos em **R2** um segundo enunciado no qual se diz que a violência só é guerra quando..., nesse caso o Eun alude os dizeres do al-cientista político que condiciona à violência como guerra em um caso específico numa relação de articulação (?) e que estabelece a violência como sendo guerra por um operador argumentativo (quando) que direciona os sentidos no enunciado. Tal relação de condição pode ser verificada pela paráfrase:

(x) A guerra é a violência organizada promovida por unidades políticas entre si. (Mas) a violência só é guerra se exercida em nome de uma unidade política.

Verifica-se, então, que o alocutor-cientista político argumenta na direção de que a violência só se constitui enquanto guerra quando exercida em nome de unidades políticas, ou seja, em nome de Estados soberanos. Quando, por outro lado, a violência é exercida fora dessa relação não se constitui enquanto guerra. Pode-se, portanto,

(x') (Mas) a violência só é guerra quando (se) exercida em nome de uma unidade política.

O que comenta e avalia os dizeres do Eun que diz que “A guerra é a violência organizada promovida pelas unidades políticas entre si”. Ou seja, os dizeres do al-x comenta e avalia os dizeres do Eun.

Em **R3** observa-se o funcionamento dos dizeres de um Locutor que instala na relação de locução um correlato direto que é um Locutário. Ou seja, há a presença de um eu que diz para um tu. Este eu que se apresenta como o responsável por aquilo que diz é predicado por um outro eu agenciado na cena enunciativa configurada no acontecimento como um eu que diz de um lugar social de dizer, ou seja, um alocutor-x. este alocutor-x ocupa o lugar social de alocutor-historiador/filósofo que diz do lugar da ciência. Este alocutor-historiador/filósofo apresenta, assim, os dizeres de um Enunciador Universal, tendo este, seus dizeres caracterizados como dizeres que representam uma verdade universal, válida para todos. E nessa direção constitui-se como verdade universal que a guerra é, pois, um ato de violência. Constitui-se, também, como verdade que a guerra é sempre a colisão de duas forças vivas. Desse modo o alocutor-x ao apresentar os dizeres do Enunciador Universal ele se mostra “[...] como quem faz conhecer um dizer de outro lugar, coexistente ao seu próprio dizer” (GUIMARÃES, 2018, p. 68), e, desse modo, produz uma sustentação específica para aquilo que diz. Assim, ao apresentar os dizeres do Enunciador Universal como dizeres que se constituem como uma verdade universal válida para todos, o alocutor-historiador/filósofo argumenta para a direção de que a guerra é um ato de violência e que este ato de violência se dá sempre numa colisão entre duas forças vivas.

O Eun sustenta conclusivamente, desse modo, que:

Eun - Ora, a guerra não é a ação de uma força viva sobre uma massa inerte, portanto, a guerra é sempre a colisão de duas forças vivas.

Desse modo, há um Enunciador Universal que alude aos dizeres de um Enunciador Genérico. Essa alusão aos dizeres de um al-x pelo Eun se dá pela relação de articulação por incidência, pois, há um elemento externo ao enunciado em si que funciona como um comentário ao que é dito, ou seja, o dizer de um outro Enunciador que comenta aquilo que é dito pelo Eun. No caso em questão esta relação ocorre pelo funcionamento do articulador, mas que expressa um comentário do al-x nos dizeres do Eun em:al-historiador/filósofo – mas a não resistência absoluta seria a negação da guerra se dá como uma avaliação àquilo que o Eun afirma como verdade universal para todos.

Isso nos permite observar que se pode dizer que a guerra é um ato de violência que tem como objetivo levar o adversário a se submeter às nossas vontades e que, a guerra é sempre a colisão de duas forças vivas, a argumentação direciona os sentidos de guerra como sendo um ato de violência e se dá sempre entre duas forças vivas, e não de modo unilateral. Neste caso, a “[...] sustentação da relação de argumentação se faz a partir do lugar social [...]”, ou seja, a relação de argumentação se faz a partir do lugar social de historiador/filósofo o que direciona e sustenta os sentidos do termo guerra para um lugar específico, para o lugar de um ato de violência sempre entre duas forças vivas.

Pudemos verificar nas análises realizadas dos três recortes selecionados para esta primeira etapa do artigo que guerra tem seus sentidos construídos sócio historicamente a partir dos acontecimentos enunciativos nos quais funciona. Vimos, também, que os sentidos do termo se dão a partir das relações de pregação e de reescritura que acabam por determinar seu

modo de significar nos enunciados. De modo fundamental, os lugares constituídos social e historicamente de dizer nos apresentam aspectos argumentativos centrais para a observação dos sentidos construídos enunciativamente pela palavra em questão. No entanto, observaremos a seguir um outro espaço de funcionamento da palavra guerra fora do lugar das ciências humanas e políticas, num texto específico e particular, um texto publicitário. Passemos então à consideração do termo guerra funcionando em um texto de publicidade muito comum nas estradas brasileiras.

3. Guerra e Paz: uma estranheza sinonímica

Como dissemos acima, buscamos verificar a constituição dos sentidos do termo guerra em dois recortes distintos como modo de observar a construção de sentidos polissêmicos desta palavra. Como visto em **R1** o termo guerra constitui sentidos nocivos à humanidade em diversos aspectos ao ser determinada como um instrumento de política nacional ao ser tomada como um recurso para a solução de controvérsias internacionais. Vejamos, então, como se constituem os sentidos de guerra ao funcionar no slogan de uma empresa de suplementos rodoviários.

R4



Fonte: Bortolozzo (2020)

De pronto este enunciado já apresenta um aspecto que marca a diferença do termo como o vimos em **R1** e como se apresenta funcionando no acontecimento enunciativo de **R4**. Ao se observar o

enunciado pode-se pensar na seguinte paráfrase:

(5') Paz na estrada é Guerra.

Verificando esta inversão do enunciado vê-se que não se constitui como um prejuízo semântico ao sentido do termo guerra e a paráfrase constitui-se como suficiente para que possamos proceder com uma segunda paráfrase:

(5'') Na estrada, Guerra é Paz.

É possível observar que tanto em (5') quanto em (5'') o sentido de guerra está numa relação com paz e que esta relação não se constitui como uma relação antonímica. No entanto, verifiquemos outra paráfrase:

(5''') Guerra na Estrada é Paz.

É possível observar nas três paráfrases construídas como modo de descrição dos sentidos do termo guerra que, a relação entre guerra e paz está numa relação de articulação por coordenação em que o elemento é argumenta que para se ter paz na estrada deve-se utilizar Guerra. Há, neste caso um alocutor-publicitário que diz para um alocutário-caminhoneiro que usar as lonas ou os produtos Guerra é certeza de tranquilidade na estrada. Por outro lado, esse alocutor-publicitário apresenta os dizeres de um Enunciador-coletivo, que diz por um grupo (no caso diz pelo grupo empresarial Guerra) que Guerra é Paz na Estrada.

A circulação de sentidos se dá num acontecimento enunciativo de publicidade no qual se verificarmos um DSD do termo guerra funcionando neste enunciado temos:

DSD 4

Guerra — Paz

Onde se lê: guerra está em uma relação sinonímica com paz

Observa-se ainda que há uma relação de articulação entre Paz e na Estrada o que exclui qualquer outra possibilidade de Guerra ser paz em outro lugar. Não se pode dizer, por exemplo, que Guerra é paz no futebol, ou que Guerra é paz no trânsito. Os sentidos nestes casos seriam contraditórios e levariam as análises para outro lugar. E qual o motivo de isso ocorrer? A não ser que Guerra fosse uma empresa que produzisse artigos esportivos para futebol ou artigos automobilísticos para carros de passeio, então as análises dar-se-iam numa direção parecida com as do enunciado Guerra é Paz na Estrada. Em primeiro lugar, isso ocorre por que o termo Guerra neste enunciado não funciona como um instrumento de política nacional ou como um recurso para a solução de controvérsias internacionais. O termo Guerra ao funcionar no enunciado Guerra é Paz na Estrada recorta como memorável enunciados que constituem a nomeação de Ângelo Francisco Guerra que significa Ângelo Francisco como pertencente, ou membro, da família Guerra. Ou seja, a palavra Guerra funciona como um sobrenome de uma pessoa e como o nome de uma marca de produtos de suplementos rodoviários. Neste caso, o termo Guerra recorta como memorável específico em seu funcionamento lugares estabelecidos histórica e socialmente na legislação brasileira que exige, para a abertura de uma empresa, um nome jurídico e um nome fantasia.

Sendo um nome próprio de uma empresa há a possibilidade de se dizer que Guerra é Paz sem que isso constitua um paradoxo. Isso pode ser verificado na seguinte paráfrase:

(5''''') O caminhoneiro que usa Guerra tem Paz na Estrada;

Ou

(5''''''') Quem usa a marca Guerra tem Paz na Estrada.

Neste sentido, pode-se afirmar que a Guerra leva à paz, à tranquilidade e ao bem-estar para quem dirige caminhões carregados de mercadorias pelas estradas brasileiras que não são estradas de alta qualidade na totalidade da malha viária do país. No entanto, verifica-se que o enunciado não se constitui enquanto uma crítica às condições da malha viária do Brasil, e sim, enquanto um direcionamento à tranquilidade e paz atingidas por aqueles que utilizam os produtos de suplementos rodoviários Guerra.

Considerações finais

Pôde-se observar, a partir dos dispositivos teóricos fornecidos pela Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2002) utilizados para a descrição e análise dos recortes selecionados para este artigo, que, a palavra guerra não se apresenta como um termo com sentidos estabilizados e unívocos. Ao se considerar a língua, a história e o sujeito que enuncia agenciado a partir do lugar social do dizer, verificou-se que em momentos diversos e lugares sociais do dizer diversos, o termo guerra significa de modos diferentes no presente do acontecimento enunciativo. Isso não significa que há uma evolução histórica dos sentidos no tempo, mas que, ao recortar a história enquanto memorável, os sentidos são produzidos sócio-historicamente no presente da enunciação. Os lugares sociais do dizer são lugares produzidos historicamente pelo recorte político do real e ocupados por sujeitos agenciados no presente do acontecimento o que nos permite considerar que o que se diz é dito de um lugar de sociólogo, historiador, filósofo, cientista político e de publicitário, por exemplo.

Verificou-se nos quatro recortes analisados que de um modo específico a palavra Guerra se apresenta, em primeiro lugar, como uma expressão da agressividade hu-

mana e um jogo/ato político e seus sentidos são produzidos a partir de um lugar social do dizer de alocutor-sociólogo. Em segundo lugar, o termo guerra significa uma forma de violência organizada e que só pode ser promovida por unidades políticas entre si. Ou seja, a Guerra só é violência quando exercida por unidades políticas, neste tipo de relação particular levando à consideração de que a guerra é sempre uma violência, mas, a violência nem sempre é guerra. Ao se tomar as relações entre Estados (unidades políticas) que promovem uma violência organizada (guerra) entre si, o enunciador assume aí um lugar social do dizer de alocutor-cientista político. Num terceiro momento, em **R3** o lugar social do dizer é ocupado por um alocutor-historiador/filósofo que diz que a guerra é um ato de violência e a colisão de duas forças vivas, ou seja, a guerra enquanto violência só pode ocorrer entre duas forças vivas e que, quando não há resistência por um dos lados não há guerra. A guerra, então, é um ato bilateral e nunca unilateral.

Estes momentos de análises mostram a palavra guerra funcionando em enunciados que partem do lugar da ciência, de um lugar de dizer de Enunciador Universal que é caracterizado como aquele que diz de um lugar da verdade universal. E, ao dizerem do modo como dizem, a guerra significa sempre um ato e/ou uma conduta de violência e agressividade designando uma expressão humana, um ato/jogo político, a promoção da violência organizada entre unidades políticas (Estados) e um ato de violência entre duas forças vivas. Apesar de cada um dos recortes marcar a diferença pelo funcionamento do termo nos enunciados e pelos lugares sociais de dizer, a palavra guerra passa a constituir sempre um sentido negativo da violência e/ou agressividade do homem e dos Estados. Por outro lado, ao se observar o funcionamento do termo no enunciado que compõe o quarto e último recorte analisado, verifica-se um movimento

particular e interessante no relevo de sentidos de guerra.

Os sentidos produzidos a partir do lugar da História/Filosofia, Sociologia e Ciências Políticas dão espaço, em **R4** para sentidos outros nos quais o termo guerra passa a designar o nome de uma família e de uma marca de suplementos rodoviários. Há aí que se observar que os sentidos se deslocam de um lugar de nocividade e de violência para um lugar em que Guerra é Paz para quem usa os produtos desta marca. Apesar de guerra e paz serem termos historicamente antônimos, Guerra e Paz, no quarto recorte, constituem uma relação sinonímica o que pode gerar, semanticamente, um estranhamento, um paradoxo. O lugar de dizer do enunciado “Guerra é Paz na Estrada” é o de um locutor-publicitário que sustenta seu argumento na direção de que quem usa os produtos Guerra, caminhoneiros e demais usuários das estradas brasileiras, tem paz e tranquilidade ao pegar a estrada.

Observando os quatro recortes escolhidos para análise neste artigo pudemos verificar que uma palavra, uma expressão, ao funcionar em um enunciado tem seus sentidos produzidos na relação com a história e com os lugares produzidos sócio-historicamente do dizer. O caráter polissêmico de uma palavra está atrelado de modo irreversível à sua história enunciativa e aos modos de relação nos enunciados nos quais funciona. Os sentidos de um termo não são, para nós, estabilizados e unívocos, pois, o homem está sempre a falar e está sempre a produzir a história.

Referências

ARON, Raymond. *Paz e Guerra entre as Nações*. São Paulo, SP, Ed. Universidade de Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais (IPRI), 2002.

BULL, Hedley. *A Sociedade Anárquica*. São Paulo, SP, Ed. Universidade de Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais (IPRI), 2002.

CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da Guerra*. São Paulo, SP, Ed. Martins Fontes, 2003.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do Acontecimento*. Campinas, SP. Ed. Pontes, 2002.

GUIMARÃES, Eduardo. *Domínio Semântico*. In: GUIMARÃES, Eduardo [et al] (Org). *A Palavra, Forma e Sentido*. Campinas, SP, Ed. Pontes Editores, RG Editores, 2007.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica: Enunciação e Sentido*. Campinas, SP, Ed. Pontes, 2018.

Karim, T. M. et al. *De incivilizados a descivilizados: um percurso do nome vândalos*. In Eni P. Orlandi; Débora Massman; Andrea Silva Domingues. (Org.). *Linguagem, instituições e práticas sociais*. Pouso Alegre: Univás; Campinas: Editora. Univás, 2018.

_____, T.M. et al. *O frisson da bailarina: o funcionamento semânticoenunciativo do nome baderna*. *Revista Traços de linguagem*, Cáceres, MT, V.03 N. 02: 2019.

KEEGAN, John. *Uma História da Guerra*. São Paulo, SP, Ed. Companhia das Letras, 2006.

WIGHT, Martin. *A Política do Poder*. São Paulo, SP, Ed. Universidade de Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais (IPRI), 2002.